



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

MARIA LUIZA GOES VALENÇA

**A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS:
IMPLICAÇÕES EM SEUS COTIDIANOS**

RECIFE, 2022

MARIA LUIZA GOES VALENÇA

**A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS:
IMPLICAÇÕES EM SEUS COTIDIANOS**

Artigo científico elaborado segundo as normas da Revista Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, como exigência final para obtenção do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flávia Pereira da Silva

RECIFE, 2022

Resumo:

Introdução: A autoimagem pode ser conceituada com uma construção multifacetada da estrutura, da aparência física e dos sentimentos relacionados às características do corpo de uma pessoa. Essa construção é um dos fatores que podem influenciar na realização de determinadas atividades cotidianas, moldando suas experiências e afetos. **Objetivo:** Compreender as construções da autoimagem entre mulheres lésbicas e bissexuais e suas implicações no cotidiano dessas mulheres. **Método:** Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas para coleta de dados, que foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo temático. A pesquisa ocorreu em ambiente virtual, participaram da pesquisa 19 mulheres lésbicas e bissexuais com idades entre 21 e 34 anos. **Resultados:** O conteúdo das respostas às questões apresentadas nas entrevistas ensejaram a construção de três categorias temáticas: 1) Reconhecimento de si mesma, pertencimento e redes de apoio de social; 2) “No espelho eu via tudo aquilo que não sou” - feminilidade, expressão de gênero e autoimagem de mulheres lésbicas e bissexuais e 3) “Meu corpo me move cotidianamente” - implicações nos cotidianos de lésbicas e bissexuais. **Conclusão:** A construção da autoimagem de mulheres lésbicas e bissexuais é perpassada pela cultura do contexto social, a construção da identidade, as relações que estabelece com suas redes de suporte social e as experiências de vida. Todas essas questões se tornam definidoras do ser mulher e do ser lésbica ou bissexual, podendo ter influência na forma como essas mulheres se reconhecem em seus cotidianos.

Palavras-chave: Autoimagem, Sexualidade, Gênero, Terapia Ocupacional.

Abstract:

Introduction: Self-image can be conceptualized as a multifaceted construction of structure, physical appearance and feelings related to the characteristics of a subject's body. This construction is one of the factors that can influence an individual to perform certain daily activities, shaping their experiences and affections. **Objective:** To understand the constructions of self-image among lesbian and bisexual women and their implications in the daily lives of these women. **Method:** Qualitative research, using semi-structured interviews for data collection, which were analyzed using the content analysis technique. **Results:** 1) Self-recognition, belonging and social support networks, which discusses the relationship between identity constructions and access to support networks; 2) “In the mirror I saw

everything that I am not” - femininity, gender expression and self-image of lesbian and bisexual women, which addresses the implications of femininity patterns in the construction of the participants' self-image and 3) "My body moves me daily ” - implications in the daily lives of lesbians and bisexuals, which describes the influence of the construction of these women's self-image in the way they develop their daily activities. **Conclusion:** The construction of the self-image of lesbian and bisexual women permeates the culture of the social context, the construction of identity, the relationships they establish with their social support networks and life experiences. All these issues become defining of being a woman and being lesbian or bisexual, and may influence the way these women recognize themselves in their daily lives.

Keywords: Self-image, Sexuality, Gender, Occupational Therapy.

INTRODUÇÃO

O cotidiano pode ser definido como uma construção sócio-histórica que permite compreender as condições concretas de existência de pessoas e de coletivos. Através das cenas do dia a dia é possível conhecer a vida cotidiana das pessoas, que se molda a partir da cultura, da história de vida e das relações sociais de um grupo em determinado espaço-tempo. Ao se debruçar sobre o cotidiano, conseguimos acessar a experiência, a memória, as necessidades e os afetos de uma pessoa. Tal conceito é especialmente importante para a prática da Terapia Ocupacional, pois esta tem como centro da ação profissional a transformação de cotidianos através da articulação entre pessoa-cotidiano-sociedade (Galheigo, 2020).

Ainda segundo a autora, a pessoa se constitui nas dimensões individual e coletiva, marcadas pela colonialidade do poder, dentro da lógica do capitalismo colonial moderno, que produz relações marcadas por processos de exploração e discriminação baseadas nas diferenças sociais, de gênero e de orientação sexual. Essas relações influenciam e são influenciadas pelo cotidiano, no qual a singularidade da pessoa e suas condições sócio-históricas de vida assumem centralidade.

Aqueles que desviam da norma social em relação ao gênero e à sexualidade, não raramente enfrentam em seus cotidianos dificuldades para serem aceitos pela sociedade, podendo experienciar processos de discriminação no desempenho de diversos papéis ocupacionais. Além disso, enfrentam também situações de violências de diferentes tipos, como agressões

físicas, verbais e desigualdade no acesso aos direitos sociais. Tal contexto de violência, presente no cotidiano dessas pessoas, visa colocá-las em conformidade às regras e hierarquias sociais (Braga, 2017).

De acordo com Lauretis (1994), o termo gênero é uma representação das relações de uma pessoa com seu entorno. Assim, o gênero é construído através da dinâmica das relações sociais, representando a pessoa por meio de uma classe. Para ela, a construção do gênero ao mesmo tempo em que é um processo de sua representação é também um produto dela. Tais representações de gênero possuem diferentes significados sociais, pois

O sistema sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representações que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais (Lauretis, 1994, p. 212).

Para Butler (2018), existem gêneros que assumem relações de coerência e continuidade entre gênero, sexo, desejo e prática sexual, definidos como inteligíveis. Para a autora, a existência de uma identidade inteligível exige a não existência de outros tipos de identidade, ou seja, exige que certas configurações entre identidade de gênero e prática sexual sejam apagadas. Dessa forma, refere-se a um regime de poder que para garantir a existência de determinadas identidades, exclui a existência de outras.

A sexualidade humana é influenciada pela inter-relação de diversos fatores (biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais). É considerada um aspecto fundamental do ser humano ao longo dos ciclos de vida, e vai além da prática sexual em si, abrangendo diversas questões como: identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer e reprodução. É possível constatar que mulheres e homens, pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais (LGBTs) têm suas vidas atravessadas pelos estereótipos da sociedade, e isso têm influências em suas atitudes e percepções, tanto de outros quanto de si (Pires, 2020).

É importante ressaltar que a ideia binária dentro dos gêneros masculino-feminino apontam para uma complementaridade entre estes, o que reforça a ideia de uma suposta naturalidade no desejo entre os gêneros masculinos e femininos, caracterizando, assim, o caráter compulsório da heterossexualidade (Firmino, 2017). A imposição de que o desejo sexual de

mulheres por homens aponta para a ideia da heterossexualidade como única forma viável de existir. Com isso, pessoas não-heterossexuais aprendem que o desejo sexual por uma pessoa do mesmo sexo determina uma outra forma de estar no mundo, sendo este, um atributo que as desqualificam em relação às outras pessoas.

Dessa forma, tal desqualificação social sofrida por pessoas não-heterossexuais pode interferir na construção de autoimagem, pois a imagem que lésbicas e bissexuais têm de si é atravessada pela questão da sexualidade não-normativa (Busin, 2008). A autoimagem pode ser definida como uma representação multifacetada da estrutura do corpo, da aparência física e dos sentimentos relacionados às características corporais de uma pessoa. Essa ideia da representação de si é influenciada pela relação que a pessoa estabelece consigo e com os contextos em que está inserida, podendo então, sofrer modificações. Os sentimentos relacionados à autoimagem podem influenciar a construção da autoestima da pessoa, causando uma avaliação subjetiva de encantamento ou repugnância da representação mental de si (Vieira, 2013).

Por estar intimamente ligada aos fatores sociais, a construção da autoimagem de uma pessoa é influenciada pelos valores, ideologias e cultura de um determinado grupo inserido num contexto social. Tal construção é um dos principais fatores que podem influenciar a pessoa a realizar determinadas atividades cotidianas, moldando as suas experiências e afetos (Damasceno, 2006).

A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo compreender a construção da autoimagem entre mulheres lésbicas e bissexuais e suas implicações em seus cotidianos.

MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, foi realizado um estudo de campo de natureza qualitativa, que, segundo Pereira (2018), é caracterizado por ser uma pesquisa na qual a atenção é centralizada no significado que as participantes da pesquisa dão a determinado fenômeno.

A pesquisa ocorreu em ambiente virtual, divulgada através das redes sociais da autora e da Rede de Terapeutas Ocupacionais Lésbicas. Para acessar as participantes foi utilizada a técnica de amostragem por Bola de Neve Virtual, descrita como uma técnica utilizada para coletar dados de grupos com características mais específicas. Para isso, é solicitado aos participantes da pesquisa que indiquem novas pessoas que se encaixem nos critérios do estudo

(Costa, 2018). Participaram da pesquisa 19 mulheres lésbicas e bissexuais com idades entre 21 e 34 anos.

Para a obtenção dos dados, utilizou-se um questionário preenchido virtualmente através da plataforma Google Formulários para a coleta de informações sociodemográficas das participantes sobre: idade, orientação sexual, identificação étnica, principal ocupação e região do Brasil. Além disso, foi utilizado também entrevistas semiestruturadas individuais, com o objetivo de acessar os aspectos afetivos, os pensamentos e as ideias das entrevistadas de forma mais aprofundada (Boni & Quaresma, 2005). Para a realização das entrevistas, foi utilizado como instrumento um roteiro com questões norteadoras elaborado pelas autoras, este encontra-se disponível em Apêndice A. As entrevistas ocorreram entre os meses de maio e julho de 2022 através da plataforma Google Meet, com uma duração média de 30 minutos. Foram gravadas, transcritas e analisadas utilizando a técnica de análise de conteúdo temática, que consiste em uma análise das falas dos entrevistados, com o objetivo de compreender não só o conteúdo dos discursos, mas também outros significados para o que é analisado. A análise se dá através de três fases: pré-análise, exploração do material e por fim, interpretação dos dados (Silva, 2015; Oliveira, 2008).

A fase de pré-análise é caracterizada pela realização da leitura flutuante das entrevistas e definição do *corpus* de análise. Na fase de exploração do material, são selecionadas as unidades de registro, recortes de texto que são agrupadas de acordo com temas similares, para então serem construídas as categorias temáticas de análise e por fim, realizar a interpretação dos significados dos conteúdos presentes em cada categoria de análise (Silva, 2015).

Após o agrupamento das unidades de registro, de acordo com a similaridade dos sentidos ali representados, foram identificadas as seguintes categorias temáticas: 1) Reconhecimento de si mesma, pertencimento e redes de apoio de social; 2) “No espelho eu via tudo aquilo que não sou” - feminilidade, expressão de gênero e autoimagem de mulheres lésbicas e bissexuais; 3) “Meu corpo me move cotidianamente” - implicações nos cotidianos de lésbicas e bissexuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 19 mulheres cisgênero¹, na tabela a seguir estão apresentadas as características das participantes.

¹ Termo utilizado para descrever pessoas que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer (Jesus, 2012).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa

IDADE	
Entre 21 e 25 anos	15
Entre 26 e 34 anos	04
ORIENTAÇÃO SEXUAL	
Lésbica	09
Bissexual	10
IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA	
Branca	13
Parda	2
Preta	04
PRINCIPAL OCUPAÇÃO	
Estudante universitária	16
Trabalhadora da área da saúde	02
Trabalhadora da área da cultura	01
REGIÃO DO BRASIL	
Nordeste	15
Centro-oeste	01
Sudeste	02
Sul	01

Após a análise, o conteúdo das respostas das participantes às questões apresentadas na entrevista foi agrupado em três categorias temáticas, a saber:

Reconhecimento de si mesma, pertencimento e redes de apoio de social

A construção da categoria “ Reconhecimento de si mesma, pertencimento e redes de apoio social” se deu através das unidades de registro que se relacionam com a importância atribuída pelas participantes ao momento de assumir -para si e para o outro- uma orientação sexual

não-hétero, indicando tal momento como balizador da relação construída consigo mesmas e com as pessoas em seu entorno.

Os dados nos sugerem que a construção da autoimagem é perpassada pela elaboração de sentimentos de pertença grupal e possibilidade (ou não) de visualização de apoio social. Ao serem questionadas sobre situações que eram consideradas como importantes para sua trajetória, as participantes destacaram o momento de assumir-se enquanto lésbica ou bissexual como muito importante em suas vidas, algumas repartem este momento em dois: o momento de assumir-se para o outro e o momento de assumir-se para si mesma, como nos seguintes relatos:

“a questão de você ter um ponto que se torna imprescindível que você tenha que anunciar pra família que você é uma pessoa lgbt, e é um momento monumental, acho que é isso, tudo, tudo que você vive perpassa isso, é inevitável, tudo, tudo, tudo toca isso, porque é quem você é. Não tem o que fazer assim, a sua vida é mediada pela experiência de ser uma mulher lgbt.” (participante 10)

“minha pré adolescência foi muito conturbada por conta dessas questões, então esse processo de aceitação teve muito presente no meu ensino médio... de “o que eu sou?” porque eu sou bissexual né... foi marcante porque o conhecimento daquilo ainda não foi a aceitação, a aceitação foi bem depois... primeiro eu fiz “realmente não tem como negar” e só depois que eu fui realmente me aceitar.” (participante 13)

Em consonância a tais dados, De Brito Silva (2018) explica que o fenômeno da identidade social surge a partir do processo de comparação entre suas características e suas aptidões com a de outro sujeito, portanto, através de uma avaliação de si mesmo o sujeito encontra a identidade social e que, os sentimentos de filiação a determinados grupos sociais, ou seja, o quanto o sujeito se sente pertencente a certo grupo, pode influenciar a visão que a pessoa tem de si. Ademais, o processo de comparação entre o que nos diferencia do outro ou o que nos coloca em paridade em relação a um sujeito ou um grupo, pode ser explicado por Tajfel (1972) como a identidade social.

Nesse sentido, os sentimentos de pertencimento a determinado grupo podem contribuir para a construção de autoimagem de uma pessoa, através do processo de reconhecer no outro atributos semelhantes ao que o sujeito reconhece em si próprio.

Mas quais avaliações, quais características essas mulheres atribuem a si mesmas no momento de se reconhecer como lésbica/bissexual? Compreendendo a autoimagem como a imagem que

as pessoas constroem de si mesmas, a construção da autoimagem de lésbicas e bissexuais é atravessada pela questão da sexualidade, como podemos ver no excerto a seguir:

“eu sempre passei a minha vida toda ouvindo comentários desagradáveis, tanto bullying na escola, quanto da minha própria família mesmo, minha mãe, meu tio (...) eu sempre ouvia comentários muito desagradáveis sobre a minha personalidade, o meu jeito, minha sexualidade, meu corpo... então... eu sempre tive muitos problemas psicológicos em relação a isso, então eu acredito que isso afeta a forma que eu me enxergo.” (participante 18)

Atribuímos tal experiência ao fato de que o imaginário social brasileiro, carregado de estereótipos negativos em relação à homossexualidade e a bissexualidade, contruibui para uma atribuição negativa em relação às pessoas não-héterossexuais, gerando uma desqualificação social de pessoas lésbicas e bissexuais (Busin, 2008). Essa desqualificação, materializada por experiências de homofobia, podem gerar sentimentos de inferioridade e baixa autoestima, o que contribui para a construção de uma autoimagem negativa (Braga, 2018).

Em nossa pesquisa, reconhecemos diferentes falas que contribuem para a associação da autoimagem positiva com a existência de uma rede de suporte social, como nos seguintes trechos:

“uma marcação mais positiva... foi quando encontrei um grupo de amigos que fazia sentido comigo, eu sempre meio que tentei me encaixar nos lugares mas eu sentia como se tivesse só nessa parte mais rasa, porque era bem difícil navegar... e eu não sabia que... embora eu seja dessa geração que cresceu na internet, eu não tinha noção de quantas pessoas passam pela mesma experiência que eu, porque pra mim a pessoa já nascia e já sabia o que era e eu não tive isso, eu tive que me esconder, então quando eu encontrei o meu nicho foi outro momento que me marcou bastante, acho que foi a salvação pra mim porque eu acho que senão eu ia estar até hoje meio perdida, meio... sem norte.” (participante 13)

“eu acho que a questão de estar inserida em espaços com outras pessoas dissidentes foi muito importante pra mim, depois de crescer numa família com minha mãe e minha irmã e tal né, e aí estar em espaços com outras mulheres lgbs (...) de você ter outro tipo de representação, de pensar “se ela pode, eu também posso”, estar inserida em espaços de arte e cultura também me ajudou muito e de conviver com pessoas... é isso, conviver com a comunidade lgbt na verdade.” (participante 10)

Dessa forma, os dados da pesquisa são corroborados pelo estudo de De Brito Silva (2018), quando afirma que uma autoimagem positiva pode ser definida como a satisfação do sujeito com as características que este reconhece em si mesmo. Essa autoimagem positiva, além de

ser obtida através de feitos pessoais, também pode apoiar-se nos objetivos alcançados por meio do grupo que este pertence.

Observou-se no presente estudo outro ponto que pode contribuir para a construção de autoimagem das participantes da pesquisa: o estabelecimento de redes de apoio social, definida por Costa & Dell'Aglia (2009) como um fator de proteção durante toda a vida do sujeito, composta não só pela família, mas também por amigos, colegas e comunidade. O apoio social possui funções de apoio emocional, acesso a novos relacionamentos interpessoais, proporcionando o enfrentamento de situações conflituosas de violência que o sujeito pode vivenciar e atenuando o estresse psicológico ocasionado pela estigmatização (Braga, 2018; D'augelli et al, 2001).

Assim, é possível correlacionar a satisfação com a rede social de apoio com a construção de uma autoimagem positiva, na medida em que a falta de suporte social pode afetar negativamente a autoimagem das mulheres lésbicas e bissexuais.

“No espelho eu via tudo aquilo que não sou” - feminilidade, expressão de gênero e autoimagem de mulheres lésbicas e bissexuais

A segunda categoria ““No espelho eu via tudo que não sou” - feminilidade, expressão de gênero e autoimagem de mulheres lésbicas e bissexuais”, foi construída considerando as unidades de registro que envolvem a relação que essas mulheres estabelecem entre a forma que se colocam no mundo e o que lhes é imposto socialmente enquanto mulheres. Adicionalmente, é observado as implicações dos padrões de feminilidade na construção da subjetividade de cada participante, dentre as quais destacam-se a construção da autoimagem.

No presente estudo, ao serem questionadas sobre quais experiências impactaram na construção da sua autoimagem, as participantes destacaram atitudes de preconceito como vivências que influenciavam a relação dessas mulheres com seus corpos e os sentimentos relacionados à sua imagem, nos permitindo traçar uma relação entre os estereótipos voltados ao gênero feminino com o sofrimento psíquico gerado, principalmente, entre as mulheres que não atendem aos padrões de feminilidades impostos pela sociedade, como podemos identificar nas falas das participantes quando nos dizem que:

“Eu me obrigava muito a ser feminina, eu associo muito a isso porque no começo, eu sempre fui muito ligada a minha mãe, a gente sempre teve uma relação muito saudável de muita amizade, então foi a primeira pessoa que eu

busquei, eu tinha 16 anos e foi a primeira pessoa que eu busquei. E foi de uma rejeição gigante assim, sabe, nesse primeiro momento (...) ela disse que ainda tinha esperança, mas se eu era feliz assim tudo bem, ela ia respeitar e aí ela me disse: mas seja discreta. E aí só depois de muito tempo eu percebi como isso reverberou em mim sabe, em quem eu me forçava ser, que eu tentava não dar pinta né, como a gente fala. Ficava forçando algo que não era natural. (Participante 09)

“E principalmente em casa, porque a minha mãe... assim, hoje ela tá melhor em relação a isso, mas eu passei muito tempo com ela querendo que eu ficasse com cabelo grande... aí ela dava os motivos mais bestas do mundo pra que eu continuasse com cabelo grande, ficava pedindo pra que eu colocasse vestidos e assim... coisas, trejeitos que são ditos no mundo de hoje como coisas femininas. E aí como eu não gostava disso, ela ficava reclamando ou empurrando pra que eu utilizasse. E eu acho que isso contribui muito na questão da imagem, porque era exatamente por conta disso que eu não gostava dos meus ombros largos, era por conta disso que eu não ficava feliz com as roupas femininas e eu começava a me achar feia por conta disso, porque eu não era uma menina completa. E esse tipo de coisa influenciou bastante, hoje em dia a influência tem sido diferente, hoje são pessoas que valorizam cada pedacinho meu e às vezes gostam de coisas que eu não gostava.” (participante 03)

Estes relatos nos permitem compreender de que forma as relações de gênero permeiam as vidas das pessoas e seus reflexos em vários processos de suas vidas, como escolhas de quais roupas lhe são permitidas, quais ambientes se pode circular e de que forma se deve se portar, corroborado pelo estudo de Braga et al (2020), que expõe como a performatividade de gênero que é imposta desde cedo, produz uma única norma, colocando à margem da sociedade as diferentes formas de ser e agir no mundo.

Os conceitos de gênero têm em suas bases concepções patriarcais e binárias que colocam o feminino atrelado às características que remetem a fragilidade, submissão e desejo sexual ao masculino, à medida em que as características vinculadas ao masculino são as de superioridade e virilidade, demonstrando assim, diferenças construídas socialmente entre os gêneros. Tal distinção delimita quais papéis devem ser exercidos por cada gênero, quais valores, gestos e práticas são tidos como femininos ou masculinos.

Dessa forma, o feminino se constitui através de educação dos corpos e discursos que constroem limites entre o que é feminino e o que é masculino. Assim, a ideia construída por tal discurso é que a feminilidade é composta através da repetição de determinadas roupas, cabelos, trejeitos, características femininas (Butler, 2018). Essa delimitação gera desigualdades, podendo resultar em práticas discriminatórias àqueles que fogem dessa norma.

“Meu corpo me move cotidianamente” - implicações nos cotidianos de lésbicas e bissexuais

Na terceira categoria, ““Meu corpo me move cotidianamente” - implicações nos cotidianos de lésbicas e bissexuais” foram analisadas as unidades de registro que descrevem como o cotidiano das mulheres que são lésbicas ou bissexuais é perpassado por violência e de que forma as experiências de preconceito sofridas por esse grupo influenciam na construção da autoimagem dessas mulheres e na forma como elas exercem seus papéis ocupacionais e se engajam em atividades.

As participantes da nossa pesquisa, quando questionadas sobre os possíveis impactos da autoimagem no desenvolvimento de ocupações em seus cotidianos, trazem as seguintes falas:

“Quando a gente se sente mais retraído, se sente com vergonha de quem você é, você fica até com vergonha de falar em público. [...] conviver diretamente com pessoas que eu nunca vi na vida, que eu não sabia o que esperar delas, mas eu tinha confiança o suficiente pra saber que estava tudo bem, mesmo que elas não gostassem de mim. Então eu acho que isso influencia bastante nas atividades, principalmente na confiança para poder executá-las.” (participante 03)

“antes eu ficava mais receosa, até porque diziam assim “ah, tu é mais masculina” aí eu já ficava mais receosa de ir pra algum lugar para as pessoas me verem e já me verem como mais masculina e já associar por eu ser lgbt”. (participante 11)

Através da análise de tais falas, podemos compreender que as desigualdades sociais relativas ao gênero e à sexualidade ecoam por todo cotidiano dessas mulheres, trazendo implicações nas mais diversas ocupações.

Os estudos sobre cotidiano nos permitem apreender as criações humanas, suas ideias, valores e sentimentos, possibilitando compreender a realidade social e os movimentos de produção e reprodução das relações sociais, nos permite também compreender as condições de inserção no cotidiano, através do encontro do que é singular com o que é coletivo (Galheigo, 2003). A coletividade é marcada pelas diferenças de classe social, gênero, sexualidade, variando conforme o contexto cultural em que esta se insere.

Dessa forma, a norma sexual pressupõe que todo sujeito se adapte à essa conformidade sexual heteronormativa, no sentido do controle dos corpos, como colocado por Foucault (2005). Para

produzir nesses sujeitos tal adaptação, os diferentes tipos de violência se apresentam em seus cotidianos (Braga, 2017). Portanto, as experiências de vida dessa população, marcadas por processos de opressão que limitam a participação e inserção social, podem exercer influência na construção da autoimagem.

Em contrapartida, experiências de acesso às redes de suporte social e engajamento dos sujeitos em grupos sociais nos espaços públicos podem contribuir para a construção de uma autoimagem positiva, como sugerem os recortes de fala das participantes da nossa pesquisa:

"A questão de estar inserida em espaços com outras pessoas dissidentes foi muito importante pra mim (...) me faz me ver de forma mais gentil, porque essas pessoas que eu amo e eu admiro também pessoas, são mulheres lgbs que não são femininas, tradicionalmente femininas, então se eu amo elas dessa forma porque eu também não posso me amar dessa forma?" (participante 10)

"eu me enxergava como uma pessoa retraída, alguém que usava máscaras, que se vestia com coisas e jeitos que não diziam quem eu era de verdade e hoje eu consigo, ainda que não completamente, eu consigo ter um pouco da minha essência, grande parte da minha essência, de quem eu sou, eu consigo mostrar isso pras pessoas. [...] Acho que isso impactou bastante. [...] o amor de certas pessoas comigo, não só o amor, mas o amor e todos os sentimentos bons que eu recebi de pessoas que realmente se importam comigo, me fez assim... mudar e acreditar que eu mereço ser quem eu sou, que eu mereço viver e ser feliz e poder experimentar a vida de todas as formas, independente de preconceitos que eu possa vir a sofrer." (participante 15)

A participação social foi também destacada pelas participantes como uma ocupação que é afetada pela autoimagem, como explicitado na seguinte fala:

"quando eu não me sinto confortável com minha imagem, eu não me sinto confortável pra ir pra algum lugar e aí eu não me sinto confortável para realizar as atividades que eu preciso fazer porque eu não tô confortável pra sair, então eu não tô confortável pra ir num banco, pra ir na faculdade, pra ir no mercado e aí se eu tenho a oportunidade de ficar em casa, eu vou ficar em casa." (participante 15)

Nesse sentido, o presente estudo sugere que as construções de autoimagem podem influenciar no engajamento em atividades do cotidiano, no lazer e na sociabilidade.

Dentro da Terapia Ocupacional existem diferentes definições de participação social. Para a realização deste estudo, utilizou-se a compreensão de Silva & Oliver (2019) de que a participação social está intimamente relacionada à prática política, sendo o acesso e

engajamento em ocupações, sociabilidade e circulação social que visam a transformação do cotidiano e das condições de vida humana marcadas por preconceito.

Em nossa pesquisa, muitas participantes destacaram o envolvimento na ocupação trabalho afetando e sendo afetado pelas construções de autoimagem, por se tratar de um ambiente que está em conformidade com a lógica binária e heteronormativa. A participante 11 relata que o processo de assumir-se como lésbica no seu local de trabalho foi permeado por sentimentos de medo em não ser aceita naquele espaço por conta de sua sexualidade. Tal achado é confirmado pelo estudo de Irigaray (2013) que traz as construções de identidade de trabalhadoras lésbicas e bissexuais como elementos que são formados pelo sexismo e por processos de opressão e preconceito.

Outra participante evidencia que ao passar por um processo de mudança na forma como se percebia, no sentido do fortalecimento de sua autoimagem, percebeu implicações positivas no desenvolvimento de papéis voltados para atividades laborais:

“Então quando a questão da autoimagem começou a melhorar, quando a confiança ficou mais presente, eu acho que isso influenciou demais nas relações entre as pessoas, em me sentir confiante em realizar as atividades, em estar inserida nas atividades de estágio...” (participante 03)

Tal relato aponta para a relação entre a construção de autoimagem e o engajamento em atividades do cotidiano, logo, uma autoimagem positiva pode impactar positivamente no desenvolvimento dos diferentes papéis ocupacionais.

CONCLUSÃO

A construção da autoimagem de mulheres lésbicas e bissexuais é perpassada pelo contexto social, a construção da identidade, as relações que estabelece com suas redes de suporte social e as experiências de vida. Todas essas questões se tornam definidoras da forma como as mulheres lésbicas e bissexuais estão no mundo e exercem seus diferentes papéis ocupacionais. Logo, compreende-se que ser lésbica ou bissexual pode ter influências na maneira como essas mulheres se reconhecem no envolvimento em suas ocupações.

Nos resultados da pesquisa, foi possível observar que as experiências de discriminação de gênero e de sexualidade presentes no cotidiano de lésbicas e bissexuais impacta na construção de identidade social e de autoimagem dessas mulheres, pois a lógica binária e patriarcal, ainda muito presente no imaginário social, as coloca enquanto sujeitos de menor valor dentro da

estrutura social brasileira. À medida em que a existência de um suporte social e experiências que permitissem sentimentos de pertencimento, mostraram ter influências na modificação de uma autoimagem já anteriormente construída.

Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir com os estudos no campo da Terapia Ocupacional, no que se refere à realidade, às vivências e ao cotidiano, não só de lésbicas e bissexuais, mas de toda população LGBT, uma vez que estudos dessa ordem ainda são incipientes. Sugerimos que pesquisas posteriores possam ampliar as reflexões sobre o cotidiano da população LGBT, que tem sido negligenciada no contexto da Terapia Ocupacional e na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em tese*, 2(1), 68-80.

Braga, I. F., Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Mello, F. C. M. D., & Silva, M. A. I. (2018). Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 1220-1227.

Braga, I. F., Silva, J. L. D., Santos, Y. G. D. S., Santos, M. A. D., & Silva, M. A. I. (2017). Rede e apoio social para adolescentes e jovens homossexuais no enfrentamento à violência. *Psicologia Clínica*, 29(2), 297-318.

Braga, I. F., Melo, K. M. M. D., Monzeli, G. A., Leite Junior, J. D., Farias, M. N., & Correia, R. L. (2020). Crise da democracia brasileira e o cotidiano de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades: reflexões baseadas na terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28, 693-705.

Busin, V. M. (2008). *Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de

São Paulo, São Paulo. Recuperado em 22 de agosto de 2022 em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2086>.

Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.

Costa, B. R. L. (2018). *Bola de Neve Virtual: O uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica*. Revista Interdisciplinar de Gestão Social. 7 (1). Recuperado em 17 de janeiro de 2022 de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>.

Costa, L. G. & Dell’Aglío, D. D. (2009). A rede de apoio social de jovens em situação de vulnerabilidade social. In R. M. C. Libório & S. H. Koller (Eds.). *Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira* (pp. 219-263). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Damasceno, V. O. et al. (2006). Imagem corporal e corpo ideal. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*. Rio de Janeiro, (14) 1, 87-96.

D’augelli, A. R., & Grossman, A. H. (2001). Disclosure of sexual orientation, victimization, and mental health among lesbian, gay, and bisexual older adults. *Journal of interpersonal violence*, 16(10), 1008-1027.

de Brito Silva, B., & Cerqueira-Santos, E. (2018). Apoio social na autoestima e identidade social de pessoas trans brasileiras. *Psico*, 49(4), 422-432.

Firmino, F. H., & Porchat, P. (2017). Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1), 51-61.

Foucault, M. (2005). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Galheigo, S. M. (2003). O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Organicom*, 14(3), 104-109.

Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 5-25.

Irigaray, H. A., & Freitas, M. E. (2013). Estratégia de sobrevivência dos gays no ambiente de trabalho. *Revista Psicologia Política*, 13(26), 75-92.

Jesus, J. G. (2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*, 2, 42.

- Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero. In: Hollanda, B.H. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, 16(4), 569.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica.
- Pires, J. F. B. (2020). *Conhecimentos e atitudes face à sexualidade dos idosos e da homossexualidade: um estudo comparativo entre jovens e idosos*. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Covilhã, Portugal. Recuperado em 02 de outubro de 2021, de <https://ubibliorum.ubi.pt/>
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 16 (1).
- Silva, A. C. C. D., & Oliver, F. C. (2019). Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando?. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 858-872.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In. S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la psychologie sociale* (Vol. 1, pp. 272-302). Paris, Larousse.
- Vieira, T. M. R. A., Loiola, R. F., Alves, L. M. (2013). Autoimagem corporal: uma revisão sistemática nas diferentes áreas da saúde. *Revista Tecer*, 6(11), 166-177.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista Semiestruturada

Questões norteadoras

- 1- Defina sua rotina (Coisas que você faz no seu dia-a-dia, como hábitos, atividades etc).
- 2- Quais os principais eventos que marcaram sua vivência como mulher LGBT?
- 3- Quando você se vê no espelho, o que enxerga?
- 4-Quais experiências impactaram na construção da sua autoimagem? (Para você, quais experiências impactaram na construção da imagem de si -essa que você enxerga no espelho-?).
- 5- Você acredita que a forma que você se enxerga impacta o seu cotidiano? De que forma?
- 6- Você se sente impedida de realizar atividades no seu dia a dia por ser uma mulher LGBT?
- 7- Como você acha que as mulheres LGBTs são vistas pela sociedade?
- 8- Tem algo mais que você queira compartilhar sobre suas experiências?

